



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

**Passeio pelo imaginário das Águas ou uma *Poiesis* Amazônica<sup>1</sup>**

Yomarley Lopes HOLANDA<sup>2</sup>  
Cecília Creuza Melo Lisboa HOLANDA<sup>3</sup>  
Universidade do Estado do Amazonas, Tefé, AM

**Resumo**

A imaginação humana elege os quatro elementos (água, terra, fogo, ar), enquanto húmus primordial que fertiliza os processos criativos, e a água, especialmente, revela-se como mãe e matriz, útero e sepultura, sua sacralização é praticamente universal. É também um dos emblemas sócio-naturais que possibilita desvelar a Amazônia, já que os rios, lagos e igarapés sempre exerceram papel fundamental na vida de seus habitantes. Longe de quaisquer determinismos, é a partir desta perspectiva que almejamos realizar um passeio pelo imaginário das águas amazônicas ao lado de Bachelard (1998,2008,2009), Merleau-Ponty (2006, 2011), Durand (1997) e Paes Loureiro (2001), além, de coletar pedaços cintilantes da literatura e do cancionário popular que versam sobre essa nossa relação quase simbiótica com o mundo aquático, nos atendo às (re) significações culturais dessas imagens/metáforas seja pelas vivências cotidianas ou ainda pela festa interiorana.

**Palavras-chave:** Amazônia; imaginário; águas; cultura.

**Água que fertiliza a terra e o imaginário**

A água é um dos emblemas sócio-naturais que nos possibilita decifrar a Amazônia, já que os rios, lagos e igarapés sempre exerceram papel fundamental na vida de seus habitantes. Longe de quaisquer determinismos, é a partir desta perspectiva que

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT 2: Expressões da folkcomunicação na cultura popular, da XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

<sup>2</sup> Doutorando em Sociedade e Cultura na Amazônia PPGSCA-UFAM, email: yomarleylopes@hotmail.com

<sup>3</sup> Mestra em Sociedade e Cultura na Amazônia PPGSCA-UFAM, email: psikceci@hotmail.com



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

almejamos realizar um passeio pelo imaginário das águas amazônicas ao lado de Bachelard (1998,2008,2009), Merleau-Ponty (2006, 2011), Durand (1997) e Paes Loureiro (2001), além, de coletar pedaços cintilantes da literatura e do cancionário popular que versam sobre essa nossa relação quase simbiótica com o mundo aquático, sem obviamente pretender esgotar este imenso manancial de significações que paira sobre as águas, nos atendo às suas (re) significações culturais das imagens/metáforas seja pelas vivências cotidianas ou ainda pela festa interiorana.

“Foi no começo. O espírito vagava por sobre o rosto tímido das águas, que estremeciam só de eternidade...”. A doce poesia de Thiago de Mello (2009, p.80) evoca o Gênesis judaico-cristão que, junto com a filosofia Ocidental, já tematizavam a água como sendo um dos elementos primordiais da existência humana. A água é uma espécie de hormônio do imaginário, uma vez que nela habitaria a força do feminino, a fertilidade e o sensualismo; o curso do rio é o curso da vida e a água escorre, portanto, do nosso inconsciente mais profundo: água mãe, útero e sepultura, água que dissimula e resguarda segredos, água que limpa, cura, lava, escorre, rompe, símbolo de purificação universal.

Numa visão bachelardiana<sup>4</sup> o movimento serpenteante dos rios se conecta à ideia de fluidez, da adaptação e da esperança na bonança; também se associa com a vida e a morte, lembremos do Nilo e seu húmus fertilizador que há milênios floresce a vida no Egito, e do barqueiro Caronte, filho de Érábo e da Noite que, na mitologia Helênica, é quem carrega as almas dos recém-mortos sobre as águas do rio Estige até o Hades.

A água fertiliza não só a terra, mas, sobretudo, a imaginação humana. Num de seus belos livros, *A água e os sonhos*, Bachelard (1998, p.30) tematiza as águas imaginárias, evocando imagens poéticas desse elemento, a fim de desvelar sua substância imaginal, afinal “quando simpatizamos com os espetáculos da água, estamos sempre prontos a gozar de sua função narcísica. A obra que sugere essa função é imediatamente compreendida pela imaginação material da água”.

---

<sup>4</sup> Gaston Bachelard (1884 – 1962), filósofo, matemático e epistemólogo francês trilhou duas veredas paralelas em sua obra: ciência e poesia, procurando desvelar não apenas a “psicanálise do conhecimento objetivo”, como também a “psicanálise dos elementos” (terra, ar, água e fogo).



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

É interessante que esta leitura bachelardiana nos conduza à pensar numa espécie de isomorfismo do sangue correndo pelas infindáveis veias e artérias que formam o complexo sistema hídrico da região amazônica. O rio/sangue é fonte de vida, mas também incide em destruição de paisagens, e é assim que as populações que habitam as margens dos grandes rios e seus afluentes, o percebem; elas vivem uma constante (re)elaboração imaginária advinda de sua relação simbiótica com o mundo líquido envolvente.

### **A Amazônia e o labirinto das águas**

Nas vivências das populações amazônicas constata-se forte influência das águas. Praticamente tudo o que sai ou chega nas cidades e pequenas comunidades se dá pelo porto, pelos barcos, pelos rios, é uma dinâmica que marca profundamente o seu jeito de ser e viver, poderíamos dizer, inclusive, que a condição humana dos sujeitos amazônicos é balizada pela sazonalidade das águas de onde floream simbolismos ancestrais.

A arquitetura dos conjuntos culturais amazônicos carrega este simbolismo das águas: o rio, as águas de diferentes cores, a liquidez, o fluido da vida nos parecem formar uma materialidade da existência amazônica, na qual o mito, o rito, a festa, a iconografia, a literatura são gestados nas águas como num líquido amniótico; lembremos que é das águas que as epifanias amazônicas emergem ou desaparecem.

Olhando pelo retrovisor da história constata-se que não foram poucos os navegadores que singraram os caminhos aquáticos da região no alvorecer do processo de conquista e colonização. Em suas narrativas, geralmente oscilantes entre a descrição técnica, uma postura adâmica de nominação dos rios e o assombro do devaneio diante da imensidão do labirinto das águas (com seus mistérios escondidos), evocam-se imagens alimentadas pelo imaginário, como nesta passagem do relato do padre Samuel Fritz (2006), em que figura o medo terrificante das criaturas trazidas pela enchente do rio: “los gruñidos que daban los cocodrilos ó lagartos, que toda la noche iban rondandoel pueblo, bestias de



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

horible disformidad.” O testemunho do cronista que esteve na Amazônia no último quartel século XVII, se alimenta de imagens antigüíssimas que já nutriam o imaginário europeu da época, e foram trazidas na bagagem desses viajantes para na Amazônia se ampliar sensivelmente; o encontro com a malha quase infindável de trilhas líquidas polinizou ainda mais as sensorialidades dos adventícios.

O pensamento contemporâneo sobre a região e seu universo natural vai assimilar e fazer ressoar essas imagens/metáforas, exemplo é Leandro Tocantins (2000), que escreveu que na Amazônia o *rio comanda a vida*, interpretação que ultrapassa o mero determinismo, pois o autor se arvora na compreensão do sentido do tempo amazônico vinculado ao tempo do rio. O tempo do rio nos ensina que a viagem na Amazônia não deve ser medida em quilômetros ou milhas, mas sim contada em horas, dias e semanas, “descobri que a viagem era medida pelo tempo. Manaus, quinze dias, Belém, vinte dias. Mas o rio, dominador e dogmático, alterava planos e agendas [...]. A primeira lição que o rio me ensinou. O sentido do tempo.” (TOCANTINS, 2000, p. 28). A poesia de Thiago de Mello (2009, p.203), elege a Amazônia a Pátria da água:

Da altura extrema da cordilheira, onde as neves são eternas, a água se desprende e traça um risco trêmulo na pele antiga da pedra: o Amazonas acaba de nascer. A cada instante ele nasce. Descende devagar, sinuosa luz, para crescer no chão. Varando verdes, inventa o seu caminho e se acrescenta. Águas subterrâneas afloram para abraçar-se com a água que desceu dos Andes. Do bojo das nuvens alvíssimas, tangidas pelo vento, desce a água celeste. Reunidas, elas avançam, multiplicadas em infinitos caminhos, banhando a imensa planície cortada pela linha do equador (...).

É a Amazônia,  
A pátria da água.

Estes e tantos outros escritores são fiéis ao forte conteúdo simbólico que plasmou a cultura amazônica, tendo o elemento água como fator de acionamento do imaginário criador: águas calmas, valentes, leitosas, sensuais, águas que despertam a libido dos amantes como a jovem índia Naiá que se entregou ao amor arrebatador pela lua lançando-se nas águas do lago sereno para transmutar-se na mais linda flor aquática, a *Estrela das águas*, cantada em verso e melodia assim: “*Águas de limo, águas do lago.*



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

*Águas de lodo, águas serenas. Onde pousam as ciganas, régia-vitória das lendas (...)  
Espelho da lua roubou o amor da cunhã. Um mergulho no encanto, por encanto uma  
flor sem manhã. Vitória amazônica, santuário de estrelas. Nas brisas da noite, face  
morena. Estrela das águas, filha da lua. Adormece quando surge o sol, desabrochando  
ao entardecer (...)*<sup>5</sup>

A pátria líquida revela-se como um constante fluxo de metáforas e imagens-reflexos; por detrás do olhar do rio há um mundo de signos e mistérios (LOUREIRO, 2001, p.202). Trata-se, pois, de um imenso espelho de significados, lugar da fluidez e da errância que sempre permitiu aos sujeitos uma experiência singular: o olhar de estranhamento e contemplação.

O próprio rio das Amazonas, antes nominado *Yoriman* (o rio dos venenos) quando desce feito lágrima divina dos Andes e entra no Brasil, é o principal dessa malha líquida que domina a paisagem amazônica. Ele é vivo e voraz, derruba barrancos, cria ilhas andarilhas, fertiliza roçados, carrega jardins flutuantes, impactando a visão daqueles que o singram. Há uma retroalimentação do imaginário de sua gênese em uma narrativa popular sobre o amor impossível entre o sol e a lua, narrada em verso pela canção *Amazonas Ayakamaé*, do poeta Ronaldo Barbosa:

E se foi o sol...

Lua de prata  
De desejo e de paixão  
Teu amor pelo sol  
Tupã não permitiu  
Desse encontro clandestino (Amazonas)  
Selaste teu destino  
Surgiram montanhas  
E se fez trovão

Amazonas kamaé  
Amazonas Ayakamaé...  
O céu queimou  
A terra ardeu  
Suas lágrimas rolaram  
Rio de estrelas cantaram

---

<sup>5</sup> Toada “Vitória Amazônica”, faixa do Cd “Amazônia cabocla de alma indígena” (2002), do boi Caprichoso de Parintins.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

A vida renasceu  
Amazonas Ayakamaé...  
Das suas gotas  
O gigante surgiu  
Das rochas, a sua cor  
Ayakamaé se fez na lenda (Amazonas)  
Amazonas, o rio do amor  
Seu canto  
Seu pranto  
Amazonas, rio do amor  
Amazonas Ayakamaé...

A inspiração dos poetas vai buscar na mitologia sua matéria-prima, não é difícil encontrar também narrativas escatológicas que versam sobre a água como elemento de destruição do mundo. O que só demonstra que os rios amazônicos são portadores de águas míticas, heranças cosmogônicas e cosmológicas dos povos ancestrais, exemplo disto é a *Cobra-canoa*<sup>6</sup> que povoa as margens do rio Negro e afluentes.

Essas heranças endógenas e exógenas fluem como correnteza rumo a um estuário de imagens oníricas (imaginário popular, cotidiano, manifestações festivas) que contribuem para a formação da cultura amazônica, rica e complexa. Bachelard (1998) toma a imaginação como “a faculdade de *deformar as imagens* fornecidas pela percepção, ela é, sobretudo, a faculdade de *nos libertar das imagens primeiras*, de mudar as imagens. Se não há mudança de imagem, união inesperada de imagem, não há imaginação, não há ação imaginante”. Nesta passagem o filósofo do devaneio demonstra a imaginação como potência geradora e recriadora das imagens primeiras oriundas da percepção ordinária. Portanto, as estruturas do nosso imaginário repousam sobre conteúdos dinâmicos, dos quais, na acepção de Bachelard, podemos extrair certa compreensão das bases míticas do pensamento humano. É por isso que o autor vê o imaginário como princípio propulsor não só da criação artística, como também das descobertas científicas.

Recorrendo a Gilbert Durand (1997, p. 14), discípulo de Bachelard e continuador de seu trabalho, a noção de imaginário aparece como “conjunto de relações de imagens que constitui o capital pensado do homo sapiens. E esse capital pensado pelo homem se

---

<sup>6</sup> Também chamada de “canoa da transformação”, genitora do mundo que, na mitologia Dessana, criou as comunidades indígenas ao longo das margens dos rios.



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

constituiu no seu capital cultural, englobando todos os elementos que fazem parte de sua cultura”. Pensar no imaginário amazônico é ter em mente que a vida das pessoas que aqui vivem é atravessada pela canoa da subjetividade/objetividade, floreando uma cultura que se projeta das vivências, devaneios, processos de (re)criação das imagens-metáforas que, conforme dizem os autores sobreditos, não deixam de gerar também conhecimento e reconhecimento.

A tradição oral legou uma constelação de seres, animais fantásticos, plantas míticas, reinos submersos que habitam as águas amazônicas; o verbo emergir transmite esta sensação: é das águas que as coisas aparecem. O rio está vestido com a pele das águas, nele a água é água por excelência, nos fala liricamente Bachelard (2009). Mais adiante o poeta-sonhador complementa: “as águas doces são abrigo de mitologias, imagens e devaneios”.

### **Entre o visível e o invisível**

Na Amazônia esses seres são chamados de encantados e moram no invisível das encantarias aquáticas, nos parece que o visível está prenhe de invisibilidade, já nos dizia Merleu-Ponty (2006). No texto *O Visível e o invisível*, o autor dá ênfase à experiência que se agiganta ao ponto de compor nosso modo de ser e estar no mundo (poder ontológico último). Na experiência amazônica visível e invisível conflagram-se em uma poética visual estetizante advinda de relações culturais com o ambiente envolvente. Logo, o processo de criação (experiência criadora, *poiesis*) do visível só é possível graças ao invisível. São muitas as janelas para perscrutar as instâncias do imaginário das águas, tomemos dois contos tradicionais do manancial cultural amazônico, que talvez se encontrem pela essência trágica de seus personagens, para ilustrar a experiência criadora que atravessa as vivências das populações tradicionais, especialmente àquelas que moram nos beiradões:



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

### A lenda do boto ou um amor sem hoje e sem amanhã, porque quebra as regras sociais



O boto é um mamífero cetáceo que habita as águas doces. As duas espécies mais conhecidas na região amazônica são o boto tucuxi (preta) e o boto vermelho. Enquanto componente da fauna aquática regional, o boto nada também nas profundezas do imaginário como personagem mítico antropomórfico. Na geografia dos encantados amazônicos é das narrativas míticas mais célebres: metamorfose noturna de um boto em rapaz sedutor, elegantemente vestido de terno branco e usando um chapéu que esconde o furo na cabeça usado para respirar, que chega nas festas comunitárias a fim de seduzir as donzelas virgens ou mulheres casadas, e é assim que os poetas Ronaldo Barbosa e Simão Assayag traduzem esta relação: *“Meu recado pra cabocla, apaixonado, sou encantado. Sou eu, sou, sou eu, sou, sou eu, o boto sou eu! O rio continua calmo sem pressa de molhar. Sinto a brisa que me toca o rosto. Espero por ti nesse sonho meu. Nas praias de sol como se fosse agosto...”*<sup>7</sup> O encontro é inevitável, embora proibido. Não há como resistir aos seus olhos negros enfeitiçadores que invadem a alma, e muito menos ao impulso ardoroso do gozo que sua presença instaura; a personificação do boto encanta e atrai, mesmo sendo um amor sem futuro. Sabe-se da magia simbólica da confluência da luz do luar com a roupa branca, e o boto conquistador se aproveita deste momento de contemplação estética, portanto, o raiar do sol é tempo de retornar à sua

<sup>7</sup> Toada “Boto Romanceiro”, faixa do Cd “Sabedoria popular: uma revolução ancestral” (2018), do boi Caprichoso de Parintins.





## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

condição animal, não sem antes engravidar uma moça arrebatada pelo amor, a quem só resta atribuir a paternidade inesperada ao ninho das águas que partiu.

Há evidentes atributos dionisíacos nesta narrativa que sintetizamos nos seguintes termos: a dança erotizada, o ato proibido que se encerra em si mesmo, a violação de determinados tabus (como o que interdita o sexo entre homens e animais), o comportamento arrebatador que rompe as barreiras morais da comunidade (LOUREIRO, 2001, p.208). Os amuletos comercializados nos mercados de Belém e Manaus, confeccionados a partir dos órgãos sexuais do boto, atestam a força simbólica deste encantado das águas.

### **O rio como cobra líquida, mata, solapa barrancos, muda paisagens**



A serpente é um dos símbolos mais importantes da imaginação humana. Ela encontra-se praticamente em todas as mitologias conhecidas, sempre aludindo a três princípios fundantes: fecundidade, perenidade ancestral e transformação temporal (LOUREIRO, 2001). A cobra-grande ou boiuna (cobra-preta, em *Nhengatu*), ao deslizar no complexo labirintado das águas amazônicas torna-se um dos seres constantes no imaginário, representando espírito terrificante que apavora os navegantes dos rios; são incontáveis as narrativas dos encontros malfazejos com a cobra-grande: ela emerge das profundezas em forma de navio-fantasma, com olhos cintilantes como dois candeeiros de fogo,



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

solapando barrancos e criando furos; é ainda responsável pelo alagamento de canos e embarcações, além de colocar em risco a própria existência de várias cidades construídas inadvertidamente ao longo de seu corpo<sup>8</sup>: quando a boiuna se move as terras são engolidas pela fúria do rio! Paes Loureiro (2001, p. 222) interpreta o mito da cobra-grande como uma transfiguração poética do fabulário indígena originário da relação homem/natureza, que culminaria na “transmissão visível do esplendor invisível do rio”. A mãe de todas as águas percorre não somente as narrativas orais, uma vez que o imaginário amazônico tem sido constantemente transmutado por diversas expressões artísticas, alguns autores consideram este processo enquanto conversão semiótica da cultura (LOUREIRO, 2001), leiamos um fragmento da poesia de Ronaldo Barbosa, na sua versão sobre a aparição da “Cobra-grande”, exemplo revelador deste processo de conversão: *“Do fundo do rio o rebojo noturno, o mistério das águas. É o frio que arrepiá, é cobra-grande que bóia com encanto e magia. (...) os bichos se calam, a criatura que surge, assusta e persegue (...) A guerreira virá, em cobra-grande, cobra-grande encantada. Desperta da toca molhada. E faz tremer o chão das ocaras...”*<sup>9</sup>

É uma confluência de imaginários: narrativas orais transmutadas para outra linguagem, neste caso a artística, ambas se atendo às mesmas substâncias oníricas que percorrem longas solidões ou pequenas cidades encravadas em ribanceiras. As festas nessas localidades com suas manifestações estéticas e poéticas situam-se como expressões do imaginário das águas. O trabalho artístico<sup>10</sup> (*poiesis*) (re) cria o visível (constructo artístico) através do preenchimento do vazio que a obra (significação) realiza a partir do imaginário (invisível).

---

<sup>8</sup> Os moradores de lugares atormentados pelo desbarrancamento de suas margens, como Abaetetuba, no Pará, e Fonte Boa, no Amazonas, explicam esse fenômeno natural pela ação da mítica Cobra-Grande, mesmo diante das explicações geológicas mais modernas que dão conta do solapamento das margens devido à erosão da base dos barrancos.

<sup>9</sup> Toada “Cobra-Grande”, faixa do Cd “A terra é azul” (2000), do boi Caprichoso de Parintins.

<sup>10</sup> Estamos adensando esta discussão em nossa pesquisa doutoral que tematiza o processo de criação artística na festa interiorana.



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

### **Abertura: imaginário como possibilidade de conhecimento**

A geograficidade amazônica enlaça os destinos do homem e do rio em uma coexistência de sentidos plurais, eis um lugar onde a água é o verdadeiro sangue da mãe terra, diríamos que a água é o sangue que nutre a plêiade das imagens oníricas retiradas das águas reais e imaginárias. O imaginário amazônico tem na matéria água um de seus significantes mais importantes, que veio à florescer a partir de diversas contribuições ao longo do tempo, forjando uma espécie de inconsciente coletivo que se (retro) alimenta da relação simbólica homem-natureza. É dela que o imaginário extrai sua substância!

Pensamos no imaginário tecido junto com o conhecimento enquanto atitude epistêmica transgressora, pois ultrapassa a ciência positiva. Juntar sensibilidade, arte, imaginação, misticismo, cultura, lógica e dialógica, é desenhar nova forma de compreensão do mundo que, obviamente, não exclui a ciência, coloca-se como atitude dialogal que não segrega e nem se arvora na sanha classificadora que tanto marcou a chamada modernidade. Descortina-se, assim, uma nova inteligibilidade que, diferente do cientificismo fundado na racionalização das sensações e no mascaramento das subjetividades, traz à tona o valor expressivo das essências experimentadas na realidade vivida, é o que diz Merleau-Ponty (2006, p.18):

O mundo fenomenológico não é o ser puro, mas o sentido que transparece na intersecção de minhas experiências, e na intersecção de minhas experiências com aquelas do outro, pela engrenagem de umas nas outras; ele é portanto inseparável da subjetividade e da intersubjetividade que formam sua unidade pela retomada de minhas experiências passadas em minhas experiências presentes, da experiência do outro na minha. Pela primeira vez a meditação do filósofo é consciente o bastante para não realizar no mundo e antes dele os seus próprios resultados. O filósofo tenta pensar o mundo, o outro e a si mesmo, e conceber suas relações.

O mundo fenomenológico, portanto, não se dá *a priori*, ele se realiza como uma revelação, um tipo de jogo entre real e imaginário que acontece ao tempo em que vai-se desvelando pelos sentidos, eis porque falamos de um conhecimento que desvela-se neste nosso encontro com a realidade dos fenômenos que se apresentam à nossa percepção.



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

Quando associamos a Amazônia a uma catedral de significados que transpassa o pensamento racionalizante, é justamente pelo constante apelo à visualidade que ela provoca nos sujeitos, não é à toa que Bachelard (1998) vê o processo imaginante como não restrito às raízes nutritivas do sonho ou do delírio da mente, mas sim e, principalmente, conectado à certa materialidade; o imaginário tem necessidade de uma intimidade substancial, de uma presença da imagem material que, por sua vez, servirá de condutor da imaginação; floreja daí uma espécie de fenomenologia do imaginário criador cujo princípio consiste em materializar as imagens poéticas oriundas da *psique*, movimento incessante de fixação de uma substância notadamente volátil, perfeitamente percebido na relação constitutiva dos sujeitos da Amazônia com seus encantados das águas, conforme tentamos demonstrar no transcurso do texto.

Propomo-nos a fazer um passeio pelo imaginário das águas amazônicas e, embora maravilhados pelas suas encantarias, chegou o momento de atracar em algum porto que, certamente, não promete nenhuma segurança paradigmática, afinal estamos tratando de sinuosos trajetos imaginários. Já no fim é possível dizer que os homens do passado e do presente, diante da catedral amazônica, com seus vitrais mítico-lendários que refletem os devaneios mais profundos da humanidade, permanecem tomando-lhes como substância criadora, num processo constante de (re) elaboração simbólica que não cessa, pois é viva, real e polissêmica; está na voz dos contadores de histórias, na memória dos mais velhos que o tempo teima em perpetuar, voa nas asas criativas dos artistas das manifestações festivas que brilham nas cidades, escodem-se no seio da floresta alagada ou na taba ameríndia que as matas segredam.

Mesmo diante do avanço do chamado processo civilizador, não deixamos de sonhar e imaginar, nem nos tornamos cativos do real; há em nossas ações e reflexões sempre espaço para a criatividade, para a afetividade que, em última instância, nos integram às forças demiúrgicas dos antepassados, e as festas contemporâneas coloridas comprovam esta tese de estetização da vida; na Amazônia profunda ainda é tradição contar e ouvir narrativas mágicas de cobras que destroem cidades ou de botos sedutores de donzelas, para essas pessoas o imaginário jamais foi sinônimo de falsa explicação da realidade; ao contrário, sempre representou depositário criativo disfarçado com fantasias coloridas



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

que acessa os substratos mais profundos do seu pensamento; as águas amazônicas talvez simbolizem o espelho gigante que reflete nossos anseios, devaneios primevos, sonhos desvairados, enfim, elas têm nos levado pela forte correnteza da contemplação e da especulação (filosófica, mítica, científica) que encharca a constituição do nosso ser-no-mundo.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. 3 ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

\_\_\_\_\_. **A poética do espaço**. 2.ed. Trad. Antonio Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. **A Água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. Trad. de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1998. Coleção Tópicos.

\_\_\_\_\_. **L air et le songues: esai sur Imagination du moviment**. 5. ed. Paris: Jose Corti, 2004.

DURAND, G. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1997.

FRITZ, Samuel. **Diário**. In: PINTO, Renan Freitas (Org.). **O diário do padre Samuel Fritz**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas/Faculdade Salesiana Dom Bosco, 2006.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Belém. CEJUP, 2001.

MELLO, Thiago de. **Poemas escolhidos pelo autor e seus leitores**. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

\_\_\_\_\_. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos de Moura. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida: uma interpretação da Amazônia**. Manaus: Valer, 2000.



**XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação**  
**Universidade Federal do Amazonas - UFAM**  
**Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018**

---